

na centenária do seu NASCIMENTO (1988)

Um amigo português

Clara Ferreira Alves

conversa

Esta é a história de dois encontros singulares com Fernando Pessoa.

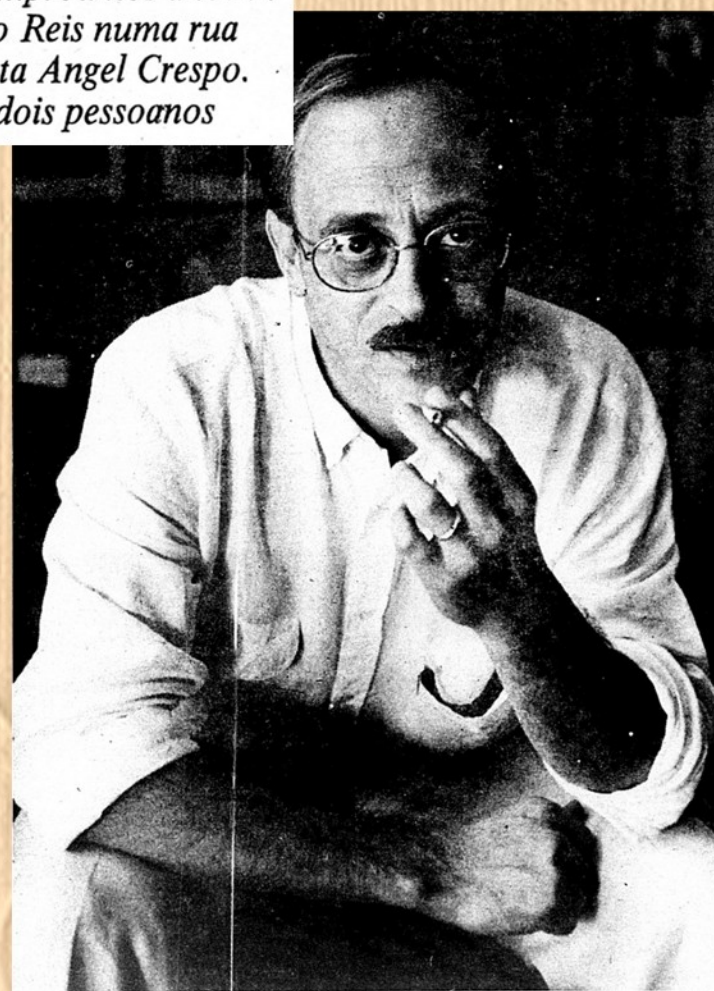
Um, italiano, comprou uma plaqueta com o título Bureau de Tabac numa gare de comboios. Corriam os anos 60 e o jovem estudante viria a tornar-se o escritor Antonio Tabucchi. O outro, espanhol, comprou nos anos 50 as Odes de Ricardo Reis numa rua de Madrid. É o poeta Angel Crespo. Assim nasceram dois pessoanos

EXP. — Se encontrasse Pessoa em pessoa como reagiria?

A.T. — Compungido, diz-se assim em português? Não haveria meio de comunicar senão através do estilo que ele gostava e o estilo que ele gostava era de grande afastamento. Embora ele seja há tantos anos o meu amigo, o meu próximo...

EXP. — Você, que conhece tão bem Portugal e os portugueses, e conhece tão bem Pessoa, acha que ele reflecte um temperamento português, se acaso existe um temperamento português?

A.T. — Acho que existe em Pessoa um forte temperamento português, que participa da sua natureza, que é introvertida, sonhadora, esquiva aos olhares. É difícil generalizar, mas acho que há povos que gostam de ser observados, de ser vistos, que se repare neles — os italianos, os franceses — e há os que gostam de passar despercebidos, como os portugueses.



«Existe em Pessoa um forte temperamento português, que participa da sua natureza, que é introvertida, sonhadora, esquiva aos olhares»

EXPRESSO REVISTA

4/6/1988

EXPRESSO — Com que idade é que, pela primeira vez, ouviu o nome de Pessoa?

ANTÔNIO TABUCCHI — Já não me lembro, passaram tantos anos. Eu sou velho sabe... sei que quando conheci o Pessoa não falava ainda uma palavra de português. Era um jovem estudante em Paris, em 63 ou 64, e ia regressar a Itália. Antes de apanhar o comboio na gare de Lyon, comprei numa banca uma «plaquete» que se chamava Bureau de Tabac, a Tabacaria se não me engano traduzida por Pierre Hourcade. Fiquei impressionado.

EM meados dos anos 50, comprei a muito baixo preço, num posto de venda de livros da Encosta de Moyano, em Madrid, um exemplar, que continuo a conservar como uma relíquia, das Odes de Ricardo Reis. Há anos que eu lia facilmente em português, conhecia bem Os Lusíadas e a poesia lírica de Camões, tinha vários livros, originais ou traduzidos, de Antero, Guerra Junqueiro, Eugénio de Castro e Pascoaes, e costumava comprar, num quiosque da Cibeles, «O Século Ilustrado» que, se bem me lembro, era a única revista portuguesa que chegava a uma Espanha isolada pelo regime do resto do mundo, inclusive das demais ditaduras.

Alguns dias depois de ter feito esta aquisição, comentei, entusiasmado, a Eduardo Freitas da Costa, que, na altura, trabalhava na Embaixada de Portugal, a profunda impressão que aquelas odes me tinham causado, que descobri, de seguida, serem obra de um espírito superior. O que mais me intrigava, pois essa edição das Odes não tem prólogo nem aparato crítico, era o nome, Ricardo Reis, que as acompanhava. Eduardo pôs-me ao corrente da questão dos heterónimos, emprestou-me alguns dos livros de poesia pessoana editados pela Ática, sendo um deles o dos poemas homónimos e ofereceu-me um exemplar do livro que tinha sido publicado alguns anos antes, em 1951, cheio de anotações e correcções à biografia do poeta, escrita por João Gaspar Simões.



Pessoa e eu

Angel Crespo

Obra de Saramago aumenta aura pessoana

Em Espanha, também influiu muito na fama de Pessoa a tradução, a todos os títulos excelente, feita por Basilio Losada, do romance de José Saramago, O Ano da Morte de Ricardo Reis, que constituiu um grande êxito editorial e de livraria, pois, graças aos escritos atribuídos a Bernardo Soares e à interpretação do heterónimo Reis por parte de Saramago, foi possível aos leitores espanhóis abordar com maior informação estética e crítica as inúmeras traduções de poesia pessoana feitas em Espanha.

EXPRESSO REVISTA

4/6/1988

As minhas constantes leituras de Pessoa e dos seus muitos críticos e estudiosos levaram-me, como é natural, a inquirir acerca do sentido geral da totalidade da sua impressionante obra em prosa e em verso — sem descurar aspectos tão actuais como o seu iberismo — por a considerar imprescindível para uma leitura com certas garantias de compreensão despreconceituada. Não é o momento de expor aqui as ideias que já figuram noutras publicações minhas, mas direi sim que, ao tentar dar uma resposta — sei que incompleta — a uma questão tão importante, aceitei sem reservas a proposta pessoana do drama em gente e cheguei à conclusão, depois de ter estudado e sistematizado os seus escritos neopagãos, de que o problema geral da escrita de Pessoa é de carácter religioso, mas não confessional, e de que o seu esoterismo e o seu sebastianismo também merecem uma atenção preferencial quando se trata de aprofundar, quer no drama em gente quer nos restantes aspectos da sua obra.